



A DESCONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA ESCOLAR BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: REVERBERAÇÕES DOS/NOS COTIDIANOS ESCOLARES E EM EVENTOS CIENTÍFICOS EDUCACIONAIS

THE DECONSTRUCTION OF THE BIOLOGY SCHOOL DISCIPLINE IN SEX EDUCATION IN BRAZIL: REVERBERATIONS OF SCHOOL DAILY LIFE AND EDUCATIONAL SCIENTIFIC EVENTS

LA DECONSTRUCCIÓN DE LA DISCIPLINA ESCOLAR LA BIOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN SEXUAL EN BRASIL: REVERBERACIONES DE/EN LA VIDA COTIDIANA ESCOLAR Y EN EVENTOS CIENTÍFICOS EDUCATIVOS

Thiago de Souza Moura¹

Resumo: O presente trabalho dialoga com a educação sexual e seus desdobramentos na escola. A pesquisa consiste em uma análise documental associada a fatos do cotidiano e a pesquisa bibliográfica em eventos científicos acerca do tema. Os fatos do cotidiano e os artigos levantados apresentam a escola como lugar potencial para abordagem de uma educação sexual crítica, emancipatória e plural para todos. Entretanto, isso não quer dizer, que o dever de casa tenha sido feito, pois a mesma escola que poderia aprofundar considerações sobre o assunto, pode também reproduzir em seus bastidores práticas discriminatórias, excludentes e reducionistas em relação a educação sexual nesse lugar. A diversidade sexual: principalmente, a transexualidade, as sexualidades e os estudos de gênero têm apresentado contribuições significativas como parte das mudanças nesse processo. Desse modo, a educação sexual ganha espaço na disciplina escolar Biologia como um lugar de desconstrução potente para debates e reflexões na escola.

Palavras-chave: educação sexual; disciplina escolar Biologia; escol

Abstract: This work dialogues with sexual education and its consequences in school. The research consists of a documentary analysis associated with everyday facts and

¹ Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor de Ciências SME e de Biologia SEEDUC.

bibliographic research in scientific events on the subject. The facts of daily life and the articles raised present the school as a potential place to approach a critical, emancipatory and plural sexual education for all. However, this does not mean that homework has been done, because the same school that could deepen considerations on the subject can also reproduce in its behind-the-scenes discriminatory, exclusionary and reductionist practices in relation to sex education in this place. Sexual diversity: mainly transsexuality, sexualities and gender studies have presented significant contributions as part of the changes in this process. Thus, sex education gains space in the biology school discipline as a powerful place of deconstruction for debates and reflections in school.

Keywords: sex education; Biology school discipline; school

Resumen: El presente trabajo dialoga con la educación sexual y sus consecuencias en la escuela. La investigación consiste en un análisis documental asociado a hechos cotidianos e investigación bibliográfica en eventos científicos sobre el tema. Los hechos cotidianos y los artículos planteados presentan a la escuela como un lugar potencial para acercarse a una educación sexual crítica, emancipadora y plural para todos. Sin embargo, esto no significa que se hayan hecho los deberes, porque la misma escuela que podría profundizar las consideraciones sobre el tema, también puede reproducir detrás de escena prácticas discriminatorias, excluyentes y reduccionistas en relación con la educación sexual en este lugar. Diversidad sexual: principalmente, la transexualidad, las sexualidades y los estudios de género han presentado aportes significativos como parte de los cambios en este proceso. De esta manera, la educación sexual gana espacio en la disciplina escolar Biología como un lugar de potente deconstrucción para debates y reflexiones en la escuela.

Palabras llave: educación sexual; disciplina escolar Biología; escuela.

Introdução

Desde o golpe político de 2016, ocorreu uma mudança nos diálogos sobre o tema da educação sexual na escola. Isso ficou em evidência ao longo da campanha eleitoral de 2018, na qual um suposto “kit gay” que nunca existiu foi usado como estratégia de marketing político-fundamentalista-conservador². No ano posterior, o governo federal eleito, lançou em 2019, a Semana Nacional da Gravidez na Adolescência com a implementação da lei 13. 798 (BRASIL, 2019) que aborda o assunto. As discussões acerca do tema se embasaram em um viés higienista e biológico em contrapartida aos estudos multicêntricos, que analisam o tema da gravidez na adolescência a partir de aspectos sociais, culturais, saúde coletiva e de gênero acerca da

² Reportagem sobre o kit que nunca existiu. Disponível em: [Saiba o que é o “Kit Gay”, material proposto para combater a homofobia \(escolaeducacao.com.br\)](http://Saiba o que é o “Kit Gay”, material proposto para combater a homofobia (escolaeducacao.com.br)). Acesso em 19 de junho de 21.

questão. Ainda em 2019, a ministra Damares, lançou a proposta de uma educação sexual regida pela abstinência sexual³ para os jovens.

Os acontecimentos narrados demarcam uma mudança de paradigmas governamentais no debate ao tema da educação sexual. Esses fatos apareceram nos discursos do presidente Jair Bolsonaro durante seu mandato, enquanto deputado federal, e em campanha eleitoral, acerca do controle compulsório da natalidade dos mais pobres⁴.

Em contrapartida, no dia 15 de junho de 2021, um aluno do 6º ano com 11 anos de idade foi discriminado por ter proposto em um grupo de WhatsApp um trabalho voltado para o orgulho Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras formas de sexualidades (LGBTQIA⁺)⁵. Essa discriminação se deu pelo discurso de professores, responsáveis e outros alunos⁶.

Os alunos têm acesso à diversas informações, seja pela internet, tv, redes sociais etc. A escola se situa em qual posição neste aspecto? Um lugar para debates, reflexões e visibilidade da diferença no processo de constituição das subjetividades dos sujeitos ou reprodutora da homogeneização dos corpos e das vidas? (CANDAU, 2011). Muitas vezes se associa o tema da educação sexual como um assunto considerado polêmico na escola. Será que o assunto é na verdade uma questão polêmica? De que forma podemos abordar a educação sexual na escola? E como o assunto tem se apresentado em eventos científicos educacionais?

Ao longo da história, o tema da educação sexual se ampara no conhecimento biomédico/biológico para legitimação do seu ensino na escola. Desse modo, a disciplina de Biologia ganha um espaço privilegiado nessas discussões. Apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) considerarem todas as disciplinas qualificadas para o diálogo na escola, visto que o documento legitima a transversalidade da temática com discussões que excedam considerações exclusivamente biológicas, mas permeadas

³ Reportagem sobre abstinência sexual defendida pela Ministra Damares Alves como proposta de educação sexual. Disponível em: [Damares defende que escolas discutam abstinência sexual e critica Popeye - BBC News Brasil](#). Acesso em 19 de junho de 21.

⁴ Reportagem que aborda o discurso do Presidente Jair Bolsonaro sobre o controle da natalidade dos mais pobres. Disponível em: [Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime - 11/06/2018 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em 19 de junho de 21.

⁵ Sigla representativa da diversidade sexual (LGBTQIA⁺): Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e outras formas de sexualidades.

⁶ Reportagem sobre preconceito ocorrido na escola durante o ensino remoto através de discursos discriminatórios e homofóbicos realizados em um grupo de WhatsApp. Disponível em: [Família registra B.O. por preconceito contra aluno de 11 anos que sugeriu trabalho com tema LGBT em grupo da escola \(diariodocentrodomundo.com.br\)](#). Acesso em 30 de junho de 2021.

pelas relações culturais e sociais. A contextualização das informações cotidianas narradas acerca do tema da educação sexual me tensionou a elaboração desta pesquisa.

Assim, o presente trabalho busca refletir sobre a educação sexual na escola e seus desdobramentos para além de uma discussão apenas biológica, mas em diálogo com os estudos de gênero e sexualidades. E com isso, contribuir acerca da relevância das questões de gênero na escola através de diálogos críticos sobre educação sexual. O texto se apresenta dividido em dois momentos: o primeiro atravessado pela contextualização das informações cotidianas que dialogam com o tema da educação sexual e a análise documental através da pesquisa bibliográfica de trabalhos divulgados em eventos científicos acerca do assunto: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped)⁷ e Associação Brasileira de Ensino de Biologia (Enebio)⁸. Em ambas as intervenções se buscou amparo no referencial teórico de gênero, sexualidades e educação sexual (ALTMANN, 2005; FIGUEIRÓ, 2010).

Os estudos de gênero neste trabalho, mediante Louro (2013) Guacira Louro excedem o caminho biológico causando impacto em todos os atores sociais. Dessa forma, os estudos de gênero nesta pesquisa seguem o caminho das transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, visto que as percepções de gênero não devem ser vistas sob a égide da estabilidade, mas sim como um ambiente instável, sujeito as reverberações da sociedade vigente sobre o sujeito e das subjetividades desse sujeito sobre si mesmo e na própria sociedade.

A percepção da sexualidade neste estudo se relaciona com o conceito geral defendido pelo autor Moura (2019, p. 72) em diálogo com Bozon (2004) e Foucault (1988):

Enquanto conceito geral, as sexualidades podem representar-se como sinônimo de experimentação sexual. Nesse contexto, esta experimentação sexual não deve apoiar-se apenas no ato sexual em si, mas em um movimento independente do corpo do outro, caracterizado como uma forma de busca e expressão dos sentimentos, desejos e prazer próprio, sobre si mesmo ou até vivenciado com o outro, em uma movimentação constante, fluida e mutável pelas vivências de

⁷ A ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação stricto sensu em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Ela tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social.

⁸ A SBEnBio é uma associação civil de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, que tem por finalidade promover o desenvolvimento do ensino de Biologia e da pesquisa em ensino de Biologia entre profissionais deste campo de conhecimento. É o maior evento de pesquisa do ensino de Biologia do Brasil.

cada um na sociedade e refletido como um “espelho” pelas suas especificidades.

A presente pesquisa defende uma educação sexual voltada ao aprendizado de um autocuidado crítico, empoderado de si mesmo e voltado para a visibilidade das subjetividades dos sujeitos, frente aos discursos preventivos, higienistas e de controle, que ainda povoam as discussões na sociedade e na escola acerca do assunto (MOURA, 2019).

A educação sexual apresenta relações históricas com a área biomédica. Essa característica entra em destaque desde 1920 com a implementação de medidas sanitárias em nosso país e controle dos casos de sífilis (CÉSAR, 2009). Mais de cem anos depois, isso ainda se reverbera na sociedade, sobretudo na escola, onde a disciplina escolar Biologia é vista como espaço privilegiado para discussões sobre o tema. As autoras Sfair, Bittar e Lopes (2015) em seu estudo nos apresentam considerações sobre o predomínio de propostas da área de saúde na temática da educação sexual em comparação a escola. Essa vista como lugar privilegiado para ações na visão do estudo citado e preterida na construção de conhecimento sobre o próprio assunto.

As considerações dos (PCNs), Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 2000) aprovam a existência de outras disciplinas nesta abordagem na escola, porquanto se trata de um assunto transversal para todo currículo escolar em uma proposta pedagógica dialógica com as relações sociais e culturais. Na atual configuração da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), a educação sexual referida, mais uma vez reafirma, a relevância da disciplina escolar Biologia na temática em contraponto às outras licenciaturas, mesmo aparecendo com um modelo exclusivamente biológico. O documento apresenta uma proposta reducionista acerca do tema com viés biológico direcionado a reprodução humana sem diálogo com os estudos de gênero e sexualidade.

Assim, a disciplina Biologia ganha espaço para contribuições acerca de reflexões sobre a educação sexual na escola visto a legitimação dessa área de formação para abordagem do tema. Entretanto, quais práticas pedagógicas se encontram presentes na formação da disciplina Biologia e suas implicações na escola e consequentemente na educação sexual?

A primeira seção do trabalho dialoga com uma breve apresentação do campo histórico de formação da disciplina escolar Biologia, a segunda um debate sobre educação sexual, suas possibilidades e desdobramentos. A terceira parte, apresenta um

levantamento temático de artigos em evento científicos. Posteriormente, seguem os resultados, discussão e considerações finais do estudo.

O campo histórico de formação da disciplina escolar Biologia

O presente estudo não deslegitima a urgência de aspectos biológicos requeridos na educação sexual. Em estudo⁹ divulgado neste ano pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids sobre dados epidemiológicos do Rio Grande do Norte, se percebe um aumento nos índices de infecção pelo HIV nos últimos anos, principalmente pela inconsistência no uso dos preservativos. Esses casos se agravam em mulheres heterossexuais que não apresentam poder de negociação com seus parceiros para uso recorrente de preservativos. Essa realidade poderia ser revista, uma vez que o trabalho desenvolvido nas escolas ultrapassasse o viés biológico da educação sexual. Afinal, as relações de poder e de gênero se encontram em disputa na questão. A reivindicação da mulher no uso do preservativo pode ser apontada pelo parceiro como sinônimo de infidelidade e não de sexo seguro, portanto sua moral acaba entrando em voga no assunto. Assim, as reflexões trazidas nesta pesquisa defendem a construção de uma educação sexual desbiologizante, que para além dos discursos biológicos, alcance na escola uma proposta pedagógica voltada para autonomia e autocuidado. De forma, que os estudantes tenham possibilidade de refletirem sobre suas vidas, em diálogo com suas próprias sexualidades em um aspecto individual e com reverberações para o coletivo social. Esse aprendizado deve ocorrer para além do viés puramente biológico acerca do tema perpassando pelas relações culturais e de gênero na sociedade.

A construção histórica da Biologia pode ter engessado, de certo modo, a abrangência do seu desenvolvimento na escola no aspecto analítico social, político e cultural (MARANDINO *et. al.*, 2005). O currículo de Biologia na escola se ampara exclusivamente no conhecimento acadêmico biológico das Ciências Biológicas ou se executa em diálogo com conhecimento escolar? Quanto mais a disciplina Biologia se aproxima das Ciências Biológicas em sua constituição clássica menos possibilita na escola reflexões de cunho cultural, histórico e social, vide, o rigor positivista em sua formação inicial.

⁹ Reportagem sobre o aumento dos casos de HIV/ AIDS no Nordeste. Disponível em [Tribuna do Norte - Aids avança entre mais jovens no Rio Grande do Norte. Acesso em 19 de junho de 2021.](#)

As disciplinas escolares não são constituídas da mesma forma que acontece com o campo científico e não devem ser vistas como uma adaptação científica voltada para o ensino. O processo de recontextualização dos conhecimentos escolares também faz parte da formação das disciplinas. Uma das características do ensino secundário no início do século XX se consistia em um formato acadêmico e científico com caráter elitista e propedêutico (MARANDINO, SELLES, FERREIRA, 2009). Esse contexto histórico repercute nos conteúdos escolares e na disciplina escolar Biologia que já carrega consigo esse aspecto em sua configuração pela aproximação com as Ciências Biológicas. A primazia pela elaboração de uma abordagem academicista na escola, abstrata e distante da realidade dos alunos acaba gerando a falta de interesse nos estudantes pelos conteúdos estudados no âmbito escolar.

A formação da disciplina escolar Biologia carrega aproximações com as Ciências Biológicas, porém o ensino de Biologia deve considerar em sua prática o contexto escolar em uma abordagem educacional que faça sentido aos alunos. Isso não quer dizer, que um conteúdo acadêmico ou abstrato não faça também parte das práticas pedagógicas. Afinal, a escola é refém de um sistema social que privilegia notas, resultados e rendimento. Vide, o Exame Nacional do Ensino Médio que apresenta seu impacto na sociedade. Entretanto, a Biologia pode colaborar para um ensino na escola mais utilitário e com um currículo voltado à vida (KINDEL, 2012).

Para além das ciências de referência na formação das disciplinares escolares, as questões sociais e políticas se fazem presente nessa disputa. Nada se encontra neutro no currículo escolar, pois essa relação de poderes acaba determinando a prevalência de saberes em contrapartida a outros (OLIVEIRA, 2017).

Santos (2021), em sua pesquisa de doutorado sobre gênero e sexualidade na formação inicial docente aponta que gênero e sexualidade não se constituem como temas consolidados nas disciplinas acadêmicas formais. A temática apareceu na formação inicial docente mediante uma resistência e urgência acerca do debate de gênero e sexualidade na atualidade nas escolas e universidades. A partir de movimentos próprios da coordenação dos cursos, professores engajados no assunto e principalmente através de resoluções governamentais (legislação).

Ferreira (2013) investigou a implementação da disciplina escolar Ciências no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro dos anos 60 aos 80. A pesquisa destacou a influência das instituições para elaboração e desenvolvimento da disciplina em questão. Esse movimento ocorria desde a seleção de professores para atuação na escola até a própria

seleção do currículo desenvolvido nas aulas. Inicialmente, existia uma predileção pela contratação de professores egressos do colégio. Porém, com a elaboração de concursos públicos no final dos anos oitenta, a diversidade do professorado acabou diversificando o desenvolvimento das práticas docentes na instituição.

A problematização da hegemonia curricular do passado e do presente nas disciplinas escolares se faz necessário como caminho da inteligibilidade narrativa em estudo (GABRIEL, MORAES, 2013).

Parafraseando Michel Foucault (1970), a “própria verdade”, em si, tem uma história para sua existência. Portanto, a historiografia da disciplina escolar Biologia e suas reverberações na escola e na educação sexual se encontram impregnadas por relações de poder na implementação de sua abordagem pedagógica. Logo, se torna urgente a elaboração de um currículo desestabilizador que confronte as verdades ditas absolutas da sociedade voltado para as diferenças dos sujeitos e pela diversidade (FURLAN, MAIO, 2016).

Educação sexual na escola: entre possibilidades e desdobramentos

A educação sexual deste estudo se constitui como um conhecimento direcionado às trocas, aberto ao diálogo, ao questionamento e permeado pelo dinamismo das relações sociais, onde o diferente em suas diferenças, se apresenta como uma condição catalisadora da/na vida social.

Uma das questões abordadas na educação sexual se volta para a gravidez na adolescência, uma temática vista muitas vezes associada a diversos estigmas sociais como preconceito, abandono escolar, redução do padrão de vida, conflitos familiares, risco à saúde, insuficiência de maturidade, pai adolescente ausente no processo, “coisa de pobre” e culpabilização das meninas (HEILBORN, 2006; 2009). Um olhar crítico acerca do tema atravessado pelas relações de classe, raça e gênero devem fazer parte da dinâmica desse assunto.

Brandão (2006) investiga as percepções de jovens das classes populares e médias sobre a prevenção da gravidez através de uma perspectiva socioantropológica. Em ambas as classes sociais se percebe aproximações referente a uma gravidez não prevista como resultado da não incorporação do método contraceptivo a vida dos jovens, vergonha do exercício público de uma vida sexual ativa, efeitos colaterais dos métodos hormonais, descuido com a contracepção, dificuldades dos serviços públicos

de saúde e falha dos métodos. Além do mais, tanto nas classes populares como médias existe a prática do aborto mesmo não sendo legalizado oficialmente no Brasil. A referida autora defende a desconstrução da vida sexual dos jovens como uma atividade de risco, muitas vezes associada às infecções sexualmente transmissíveis ou gravidez não prevista. E apoia, assim como este trabalho, uma educação sexual que dialogue com as “emoções, desejos, determinação e relações de poder que ocorrem entre os gêneros na sociedade” (p.8), características que influenciam a prática do “sexo seguro” para além do conhecimento apenas biológico. A educação sexual, entre suas possibilidades, permite que crianças e jovens se protejam contra situações de abuso.

Cerqueira, Coelho e Ferreira (2017) apontam que as relações de abuso sexual ocorrem em maior proporção dentro da família, por homens e em crianças menores de idade. Assim, a escola que desenvolve o tema pode permitir a esses estudantes alguma medida de proteção pelo conhecimento contra tentativas de abuso sexual, inclusive com práticas pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental.

Uma pauta que faz parte das discussões sobre educação sexual se direciona para a diversidade sexual. O Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIA⁺ do mundo, principalmente o público transgênero/transsexual¹⁰. Por outro lado, os acessos em sites pornográficos se direcionam em sua maioria para busca do prazer através do corpo desse mesmo público¹¹. A identidade de gênero transexual consiste na forma como as pessoas se identificam e se reconhecem (JESUS, 2012).

Para Bento (2016) dentro do universo da diversidade sexual, uma aproximação com o feminino se configura na representação de um risco constante a vida:

Se o feminino representa aquilo que é desvalorizado socialmente, quando esse feminino é encarnado em corpos que nasceram com pênis, há uma ruptura inaceitável com as normas de gênero. Essa regulamentação não está inscrita em nenhum lugar, mas é uma verdade produzida e interiorizada como inquestionável: o masculino e o feminino são expressões do desejo dos cromossomos e dos hormônios. Quando há essa ruptura nos deparamos com a falta de aparatos conceituais e linguísticos que deem sentido à existência trans. Mesmo entre os gays a violência letal é mais cometida contra aqueles que performatizam uma estilística corporal mais próxima ao feminino. (p. 52).

¹⁰ Dados estatísticos sobre o número de assassinatos de travestis e transexuais no Brasil disponibilizados no site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Disponível em [Assassinatos – Associação Nacional de Travestis e Transexuais \(antrabrasil.org\)](https://antrabrasil.org/). Acesso em 19 de junho de 2021.

¹¹ Reportagem sobre pornografia trans no Brasil e seu quantitativo de acessos. Disponível em [Brasil é campeão de consumo de pornografia trans, revela site | Lado Bi](#). Acesso em 20 de junho de 2021.

No campo educacional, Moreira e Ferreira (2021), analisaram as práticas pedagógicas no Enebio, entre os anos de 2016 e 2018, quanto as identidades dissidentes no ensino de Biologia. As autoras apontaram que apesar da criticidade em torno da temática de gênero e sexualidades dos estudos levantados, ainda assim, modelos classificatórios e atravessados pelo binarismo: homem/ mulher ou cis/ trans apareciam de forma recorrentes nas pesquisas. Portanto, mesmo pesquisas progressistas acabam engessadas na polarização biológica da vida.

Dessa forma, o desafio de uma educação sexual crítica se situa no alargamento do reconhecimento da diversidade social e mesmo biológica para reconhecimento além das normas dimórficas e binárias hegemônicas de gênero (OLIVEIRA, 2016).

Quando a escola aborda o assunto pela ótica da reprodução humana de forma generalista limita a possibilidade de diálogos que alcancem a diversidade de sexualidades que passam esse lugar. Ainda assim, embora avanços na escola para uma educação sexual plural tenham sido realizados, o tema continua com configurações heteronormativas em suas construções (MOURA, 2019; MOURA, RIBEIRO, 2021). Isso quer dizer que, a questão uma vez abordada na escola evidencia aspectos biológicos direcionados para uma vivência sexual heterossexual e reprodutora da atividade sexual.

Mesmo com os ventos conservadores fundamentalistas que ecoaram em nosso país temos amparo legal para um debate na escola, de forma democrático, justo e crítico para todos no ambiente escolar sobre uma educação sexual plural. Essa possibilidade se legitima nos seguintes documentos brasileiros: a própria Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996), a Resolução nº 12, de janeiro de 2015, que estabelece garantias de acesso e permanência de pessoas travestis, transexuais e de todas as pessoas que não tenham sua identidade de gênero reconhecidas nos espaços sociais, nos sistemas de ensino e nas escolas (BRASIL, 2015). Além disso, o Decreto 8.727 (BRASIL, 2016) que autoriza o nome social como reconhecimento da Identidade de Gênero de travestis e transexuais em todo território nacional e a Criminalização da LGBTfobia pelo Superior Tribunal Federal como crime de racismo em 13 de junho de 2019. A existência de respaldo legal se constitui como uma das possibilidades de ratificação das discussões sobre uma educação sexual crítica na escola.

Pesquisa bibliográfica: ANPED e ENEBIO

A pesquisa bibliográfica consiste em um procedimento metodológico oferecido ao pesquisador na busca para desenvolvimento de seus objetivos de pesquisa. O método científico selecionado pelo pesquisador deve ser apresentado de forma flexível, com destaque na elaboração de cada etapa, permitindo que o trabalho seja revisto para o desenvolvimento das análises e discursos construídos ao longo do processo, gerando um movimento de leituras e releituras para aprofundamento do material gerado no campo (LIMA, MIOTO, 2007).

Neste estudo, o trabalho foi desenvolvido com considerações voltadas para a educação sexual e suas possibilidades de abordagens de acordo com o tema dos artigos. Dessa forma, o segundo momento da pesquisa se volta para uma pesquisa bibliográfica dos trabalhos apresentados¹² em eventos científicos reconhecidos pela sua importância na área educacional nacional: ANPED (2011, 2012, 2013, 2015, e 2017) e ENEBIO: (2014, 2016 e 2018). O período selecionado para o levantamento dos artigos se justifica pelo crescimento neoconservador na América Latina nessa época (BIROLLI, MACHADO, VAGGIONE, 2020). De forma alguma, se almeja alcançar todos os trabalhos divulgados nesses eventos, porém foi realizado um recorte voltado àqueles que abordassem educação sexual, gênero e sexualidade na escola. Cada trabalho selecionado foi analisado de forma completa de acordo com sua relação temática com a presente pesquisa. O intuito disso, consiste na construção de um panorama acerca da educação sexual e a contextualização das informações cotidianas sobre o tema. O quadro 1 apresenta informações sobre os estudos levantados na ANPED em 2011.

Quadro 1: Artigos da ANPED 2011

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	A EXPERIÊNCIA TRANSEXUAL: ESTIGMA, ESTEREÓTIPO E DESQUALIFICAÇÃO SOCIAL NO INTRAMUROS DA ESCOLA	Experiências sobre transexualidade	Braga	UERJ-PROPEd
2	“NOSSA! EU NUNCA TINHA PARADO PRA PENSAR NISSO!” – GÊNERO, SEXUALIDADES E FORMAÇÃO DOCENTE	Formação docente diante da homossexualidade)	Castro, Ferrari	UFJF

¹² O recorte dos trabalhos selecionados foi realizado de acordo com a disponibilidade online dos periódicos.

3	A MÍDIA ENSINA: IMPERATIVO DA MATERNIDADE E PATERNIDADE RESPONSÁVEIS	Parentalidade	Schwengber	UNIJUI
4	A EDUCAÇÃO DE MULHERES-MÃES POBRES PARA UMA “INFÂNCIA MELHOR”	Parentalidade	Klein	UFRGS
5	HETERONORMATIVIDADE OU RECONHECIMENTO? PROFESSORES E PROFESSORAS DIANTE DA HOMOSSEXUALIDADE	Formação docente e homossexualidade	Bassalo	UEPA
6	(HOMO)SEXUALIDADES E GÊNERO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO	Homossexualidades	Neil Franco Pereira de Almeida	UFU

Fonte: elaborado pelo autor

Na ANPED, se identifica dentro do GT23, a presença de trabalhos que se voltam para os estudos de gênero, sexualidade e educação. No entanto, percebe-se a divulgação de poucos trabalhos que abordam o tema da educação sexual. Entretanto, quando aparece o assunto, a temática se encontra atravessado por reflexões que ultrapassam uma perspectiva apenas biológica. Isto é, aparecem estudos que dialogam com a proposta pedagógica defendida nesta pesquisa. No ano de 2011 foram identificados seis trabalhos que dialogam com os seguintes temas: diversidade sexual (experiências sobre transexualidade; formação docente diante da homossexualidade) e parentalidade. O quadro 2 apresenta informações sobre os estudos levantados na ANPED em 2012.

Quadro 2: Artigos da ANPED 2012

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	CORPO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS DE SALA DE AULA	Corpo e sexualidade no ensino de ciências	Silva	UFU
2	NO LABIRINTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL AS FALAS DE EDUCADORAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	Educação infantil, gênero e sexualidades	Ribeiro	UFLA
3	FAMÍLIA E ESCOLA: A FABRICAÇÃO DA MULHER-MÃE PARCEIRA EM TEMPOS DE GOVERNAMENTALIDAD E NEOLIBERAL	Impactos da família e da escola na feminilidade e maternidade	Dal'igna	UFRGS
4	GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA	Sexualidade e diversidade sexual na educação física	Ribeiro	UFPR

	ESCOLAR. UMA CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS EM ESCOLAS PARANAENSES			
5	PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A HOMOFOBIA NA ESCOLA: ENTRE DISSONÂNCIAS E CONTINUIDADES	Homofobia na escola	Rizzato	FEUSP
6	A SUBJETIVAÇÃO DA MÃE NATURALISTA COMO MODELO: A MATERNIDADE COMO EFEITO DAS PEDAGOGIAS CULTURAIS	Maternidade e pedagogia cultural	Alves	UECE
7	A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE ALUNOS COM ORIENTAÇÃO HOMOSSEXUAL	Orientação sexual na vida dos alunos	Sepulveda	UERJ-PROPEd
8	SEXUALIDADE E GÊNERO: DISCURSOS DOCENTES MEDIADOS PELO LIVRO PARADIDÁTICO	Sexualidade em livros paradidáticos	Silva, Siqueira	NUTES/UFRJ
9	SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE: CURRÍCULO E PRÁTICA PEDAGÓGICA	Sexualidade, gênero e diversidade no currículo escolar	Castro	PUC-Rio e UFRJ

Fonte: elaborado pelo autor

Em 2012, foram registrados nove trabalhos que tratam da temática da educação sexual, de uma forma direta ou indireta, com os respectivos assuntos: impacto da família e da escola no ser-mulher-mãe; gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação física; relações sociais do sexo; sexualidade, gênero e diversidade sexual no currículo; homofobia na escola; corpo e sexualidade no ensino de ciências; educação infantil, gênero e sexualidade; maternidade e pedagogia cultural, sexualidade em livros paradidáticos e orientação sexual na vida dos alunos. O quadro 3 apresenta informações sobre os estudos levantados na ANPED em 2013.

Quadro 3: Artigos da ANPED 2013

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	SEXUALIDADES JUVENIS E DIAGNÓSTICO SOROPOSITIVO: A AIDS COMO PROCESSO DE (DES)APRENDIZAGENS	Novos olhares sobre a Aids	Félix	UFRGS

2	DOCÊNCIA, TRANSEXUALIDADES E TRAVESTILIDADES: A EMERGÊNCIA REDE TRANS EDUC BRASIL	Docência e transexualidade	Torres	UFOP
3	A ESCOLA COMO EMPREENHIMENTO BIOPOLÍTICO DE GOVERNO DOS CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANSEXUAIS	Escola e corpo trans	Santos	UFPR
4	ESCRITAS-NARRATIVAS DE ESTUDANTES PROBLEMATIZANDO RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES	Estudantes, gênero e sexualidade	Castro	UFJF
5	MODOS DE VER, SENTIR, E QUESTIONAR: A PRESENÇA DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA	Gênero e sexualidade no curso de pedagogia	Ferreira	UEFS
6	HOMOSSEXUALIDADE, MEDICINA E EDUCAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA DOS MANUAIS MÉDICOS	Homossexualidade, medicina e educação	Sá-Silva, Eggert	UEMA UNISINOS
7	JUVENTUDE GAY NA ZONA RURAL: a dobra como processo de subjetivação	Jovens gays na zona rural	Rosa	UFFS UFSC
8	ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PERSPECTIVA DA IDEOLOGIA DE GÊNERO	Livros didáticos de língua portuguesa e ideologia de gênero	Moura	UFFS
9	PROFESSORAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS E SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E OBSTÁCULOS ENFRENTADOS	Docência e transexualidade	Franco, Cicillini	UFMT UFU
10	“TODO DIA EU PENSO: MEU DEUS, ONDE FOI QUE EU ERREI?”: OS DESAFIOS DE SER MÃE NA PERIFERIA	Maternidade na periferia	Ritti	UFJF

Fonte: elaborado pelo autor

Em 2013, foram apresentados dez trabalhos com os seguintes temas: ser mãe na periferia; escritas narrativas: estudantes, gênero e sexualidades; homossexualidade, medicina e educação; docência e transexualidade; Aids como processo de desaprendizagem; escola e corpos trans; professoras travesti e trans; jovens gays na vida rural; livros didáticos de língua portuguesa e ideologia de gênero; e gênero e sexualidade no curso de pedagogia. O quadro 4 apresenta informações sobre os estudos levantados na ANPED em 2015.

Quadro 4: Artigos da ANPED 2015

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	BIOPOLÍTICA DOS CORPOS SAUDÁVEIS: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE PREVENÇÃO DA AIDS EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL (FLORIANÓPOLIS, 2000 A 2011)	Aids em livros de ciências	Abud, Teive	UDESC
2	AVANÇOS E RETROCESSOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS CONTEMPORÂNEAS RELACIONADAS A GÊNERO E SEXUALIDADE: ENTRELACES COM A EDUCAÇÃO	Avanços e retrocessos em gênero, sexualidade e educação.	Guizzo, Felipe	ULBRA UFRGS
3	DIÁLOGOS SOBRE HOMOFOBIA COM JOVENS DE ENSINO MÉDIO: UMA PESQUISA COM GRUPO FOCAL	Diálogos sobre homofobia com jovens do ensino médio	Santos	PUC – Rio
4	FORMAÇÃO DOCENTE, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E SEXUALIDADES: PROBLEMATIZAÇÕES	Formação docente, experiência religiosa e sexualidade	Castro	UFJF
5	CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE DE GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DO RCNEI	Identidade de gênero e 1ª infância	Silva	UFPB
6	DISCURSOS DE BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA SOBRE SEXUALIDADE	Pibid e sexualidade	Parreira, Silva	UFU
7	LGBTFOBIA NA ESCOLA: O BEIJO ENTRE GAROTAS LÉSBICAS, HOMOSSEXUAIS OU BISSEXUAIS	LGBTfobia na escola	Vianna, Cavaleiro	FEUSP UENP
8	OS MEUS FILHOS E OS DELES: OS FILHOS DA ESPERANÇA	Maternidade na adolescência	Scwengber	UNIJUÍ
9	PEDAGOGIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM ARTEFATOS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIMENTAÇÃO	Pedagogia de gênero e sexualidade	Sevilla	UFRGS/SE DUC-RS
10	O PIBID COMO ESPAÇO FORMATIVO DE DESARRANJOS, REINVENÇÕES E PLURALIZAÇÕES DOS GÊNEROS E DAS SEXUALIDADES	Pibid, gênero e sexualidade	Souza	UESB
11	DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E PSIQUIATRIZAÇÃO DA	Educação, sexualidade e psiquiatria	Nogueira	UNESPAR

	EDUCAÇÃO: NOTAS FARMACOBIOPOLÍTICAS SOBRE O CORPO			
12	CORPOS E SUBJETIVIDADES TRANS NA ESCOLA E NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: A REINVENÇÃO DAS TENTATIVAS DE CAPTURA POR MEIO DAS NORMATIVAS OFICIAIS	Transexualidade na escola	Santos	UFPR
13	UNIVERSO TRANS E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO UMA ÁREA DE CONHECIMENTO	Universo trans e educação	Franco, Cicillini	UFMT/CU A UFU

Fonte: elaborado pelo autor

No ano de 2015, foram computados treze trabalhos acerca dos seguintes assuntos: formação docente, experiência religiosa e sexualidade; maternidade adolescente; Pibid, gênero e sexualidade; identidade de gênero e 1ª infância; LGBTfobia na escola; transexualidade na escola, sexualidade e psiquiatria; pedagogia de gênero e sexualidade; iniciação à docência e sexualidade; diálogos sobre homofobia com jovens do ensino médio; universo trans e educação; Aids em livros de ciências; avanços e retrocessos em gênero, sexualidade e educação. O quadro 5 apresenta informações sobre os estudos levantados na ANPED em 2017.

Quadro 5: Artigos da ANPED 2017

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	O ATAQUE À DISCUSSÃO DE GÊNERO NA ESCOLA, CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E A IMPORTÂNCIA DA LIBERDADE DOCENTE	Ataques à gênero na escola	Monteiro	NUTES-UFRRJ, CPII
2	AS DIVERSIDADES SEXUAIS NA ESCOLA: (IN)JUNÇÕES DISCURSIVAS ENTRE A RELIGIÃO E O ESTADO LAICO	Diversidade sexual e estado laico	Goettems, Schwengber, Wisniewski	IFFar UNIJU IFFar
3	DOCÊNCIAS TRANS: ENTRE A DECÊNCIA E A ABJEÇÃO	Docência trans	Santos	UFPR
4	AS DISTÂNCIAS SOCIAIS ENTRE ESCOLA E SUJEITOS HOMOSSEXUAIS E SUA INTERFERÊNCIA NA PERCEPÇÃO DE HOMOFOBIA	Escola e homossexualidade	Bastos	Cap/UFJF; PUC-Rio
5	“COISAS DE MENINOS E COISAS DE MENINAS”: A PRODUÇÃO DO CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE	Gênero, diversidade e educação infantil	Silva, Morais	UFPB

	NA ESCOLA SOBRE EDUCAÇÃO			
6	GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: UMA ABORDAGEM PÓS-CRÍTICA NA EDUCAÇÃO	Gênero, sexualidade e envelhecimento	Pocahy, Dornelles	UERJ UFRB
7	EXPERIÊNCIAS DE IDENTIDADES DE GÊNERO: CORPO BRINCANTE EM ESPAÇOS INSTITUCIONAIS – ENTRE BRINQUEDOS, BRINCADEIRAS E OUTRAS HABITAÇÕES LÚDICAS	Identidades de gênero	Mizusaki, Gomes	UFMT
8	IMPACTOS DA ‘IDEOLOGIA DE GÊNERO’ NA GERAÇÃO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A POPULAÇÃO LGBT	Ideologia de gênero	Moreira	UFPR
9	DA IMPORTÂNCIA DE RIR COM INÊS BRASIL: EDUCAÇÃO, PÂNICO MORAL E “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	Educação, Pânico moral e ideologia de gênero	Duque	UFMS
10	AUTORREPRESENTAÇÕES E SUBALTERNIDADES: FAMILÍAS, RACIALIDADES E MASCULINIDADES NA ESCOLA	Masculinidades na escola	Junior, Ivenicki	UFRJ
11	PEDAGOGIAS RELIGIOSAS NO COMBATE À “IDEOLOGIA DE GÊNERO”: EFEITOS DE SABER-PODER-VERDADE	Pedagogia religiosa e ideologia de gênero	Castro	UFJF

Fonte: elaborado pelo autor

E por fim em 2017, foram registrados onze estudos com os temas: ideologia de gênero; ataques à gênero na escola; pedagogia religiosa e ideologia de gênero; diversidade sexual e estado laico; docência trans; gênero, diversidade e educação infantil; identidade de gênero; gênero, sexualidade, envelhecimento e educação; escola e sujeitos homossexuais e masculinidade na escola. O quadro 6 apresenta informações sobre os estudos levantados no ENEBIO em 2014.

Quadro 6: Artigos do Enebio em 2014

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	“ENTRE A VONTADE DE SABER E O EXERCÍCIO DE ENSINAR”: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS SOBRE SEXUALIDADES	Narrativas de estudantes sobre sexualidade	Silva, Barzano	UEFS

2	“PROFESSORA, A SENHORA GOSTA DE HOMEM OU DE MULHER”? OLHARES DE UM GRUPO DE ESTUDANTES SOBRE UMA PROPOSTA DE ENSINO SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EJA	Sexualidade na EJA	Santos, Souza	UESB
3	Educação em Sexualidade, uma nova visão - Experiências do PET Biologia UFSC	Educação sexual e sexualidades	Almeida, Binder, Caron, Gubert, Bueno, Machado, Castellani	UFSC
4	SEXUALIDADES: REFLEXÕES SOBRE UMA AÇÃO NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	Sexualidade e anos finais do ensino fundamental	Oliveira, Ribeiro	UFRB
5	“CÁ PRA NÓS...” – DIÁLOGOS SOBRE CORPO E SEXUALIDADE: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARNAÍBA – PI.	Corpo e sexualidade	Reis, Santos, Costa, Tavares	UFPI
6	TECENDO OLHAR(ES) SOBRE HOMOSSEXUALIDADE(S) NO ESPAÇO ESCOLAR: BATENDO UM PAPO COM PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA	Homossexualidade e formação docente	Santos	UFU
7	CORPOS DISSIDENTES NO ESPAÇO ESCOLAR: NORMALIZAÇÕES E ASSUJEITAMENTOS	Corpos dissentes no espaço escolar	Santos, Castellan	UFU
8	CURRÍCULO DE BIOLOGIA: PLANEJAMENTO E ENSINO DO TEMA ‘DIVERSIDADE DE COMPORTAMENTOS SEXUAIS E SOCIAIS LIGADOS AO SEXO’	Currículo de biologia e diversidade de comportamentos sexuais	Alves, Silva-Porto, Gomes	UFRJ
9	SENTIDOS DE SEXUALIDADE EM PRODUÇÕES ACADÊMICAS: INVESTIGANDO OS ANAIS DOS ENCONTROS NACIONAIS DE ENSINO DE BIOLOGIA (2005-2012)	Sentidos da sexualidade	Etter, Alves, Ferreira, Gomes	UFRJ
10	A ABORDAGEM DE SEXUALIDADE NA ESCOLA ATUAL SEGUNDO A CONCEPÇÃO DE	Sexualidade no ensino médio	Candido, Fernandes	UFSCar

	ALUNOS DO ENSINO MÉDIO			
11	ORIENTAÇÃO SEXUAL: VIVÊNCIAS DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO E COMO ESSE TEMA TRANSVERSAL TEM SIDO ABORDADO	Orientação sexual e vivências de professores	Figueiredo, Barros	UFOP PUC-MG
12	DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: INICIATIVAS PARA O CAMPO DO ENSINO	Diversidade sexual na escola;	Cicco, Vargas	FIOCRUZ
13	JOGANDO COM O SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO E FEMININO	Jogos com o sistema reprodutor	Gomes, Lima	UNEC

Fonte: elaborado pelo autor

No ENEBIO em 2014, foram apresentados treze trabalhos com os seguintes temas: narrativas de estudantes sobre sexualidade; sexualidade na EJA; educação sexual e sexualidades; sexualidade e anos finais do ensino fundamental; corpo e sexualidade; homossexualidade e formação docente; corpos dissentes no espaço escolar; currículo de biologia e diversidade de comportamentos sexuais; sentidos da sexualidade; sexualidade no ensino médio; orientação sexual e vivências de professores; diversidade sexual na escola; sexualidade e jogos com o sistema reprodutor. O quadro 7 apresenta informações sobre os estudos levantados no ENEBIO em 2016.

Quadro 7: Artigos do Enebio em 2016

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	PARA ALÉM DE MENINO E MENINA: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS PARA A DESCONSTRUÇÃO DO BINARISMO	Desconstrução do binarismo	Carnevale, Vargas, Brauns, Girão	UFRJ
2	SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ABORDAGEM VISANDO À CONSCIENTIZAÇÃO E À DIVULGAÇÃO SOBRE DST	Sexualidade na educação básica e DSTS	Folino, Rebello, Duarte, Araújo, Fontes, Lage	Ibrag/UERJ CAP/ UERJ
3	O CONHECIMENTO DOS ADOLESCENTES SOBRE AS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E MÉTODOS DE PREVENÇÃO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NO MUNICÍPIO DE ANTÔNIO JOÃO – MS	Concepção de adolescentes sobre DSTS	Almeida, Bertuci	FAMAG
4	PROFESSORAS/ES DE	Professores de	Miranda	UFABC

	CIÊNCIAS EM FORMAÇÃO E A EDUCAÇÃO SEXUAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	ciências em formação e educação sexual		
5	GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: INVESTIGAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA	Gênero e sexualidade na prática docente	Cavalcante, Mota	UFCE
6	A ESCOLA DEMOCRÁTICA E O PROFESSOR REFLEXIVO: EDUCAÇÃO SEXUAL PARA UMA FORMAÇÃO CIDADÃ	Professor reflexivo e educação sexual	Dal, Sornberger, Júnior, Silva, Lopes	Universidade Estadual de Londrina Universidade Estadual de Maringá
7	SEXUALIDADE E GÊNERO NA PERCEPÇÃO DOCENTE	Percepção docente	Nascimento, Dorvillé	UERJFFP
8	RELATO DE EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL E O USO DO PRESERVATIVO.	Relato de experiência e educação sexual	Soares, Albrecht	UFABC
9	CONHECIMENTOS PRÉVIOS DE ESTUDANTES DEFICIENTES VISUAIS SOBRE O CORPO FEMININO E MASCULINO, SISTEMAS GENITAIS E PUBERDADE	Percepções de estudantes com deficiência sexual sobre o corpo na educação sexual	Vitorino, Miranda	UFABC
10	OFICINA SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E SEXUALIDADE PARA ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	Oficinas sobre sexualidade	Gôngora, Silva	Universidade Estadual de Maringá

Fonte: elaborado pelo autor

Em 2016, foram registrados dez trabalhos com os temas: desconstrução do binarismo; sexualidade na educação básica e DSTS; concepção de adolescentes sobre DSTS; professores de ciências em formação e educação sexual; gênero e sexualidade na prática docente; professor reflexivo e educação sexual; fundamentação teórica em sexualidade; relato de experiência e educação sexual; percepções de estudantes com deficiência visual sobre corpo feminino, masculino, sistemas genitais e puberdade e oficinas sobre sexualidade. O quadro 8 apresenta informações sobre os estudos levantados no ENEBIO em 2018.

Quadro 8: Artigos do Enebio em 2018

Ordem	Título	Tema	Autores	Instituição
1	JOGO DIDÁTICO PARA EDUCAÇÃO SEXUAL	Jogo didático e educação sexual	Silva, Rosa, Hylío Fernandes	UFSCar
2	A EDUCAÇÃO SEXUAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS E PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS - 1993/96 - OS PRIMEIROS PASSOS	Educação sexual e formação continuada	Bosco, Britto, Pericolo	UFSC
3	SEXO, SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL, ORIENTAÇÃO SEXUAL E DIVERSIDADE SEXUAL: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES NO ENSINO DE BIOLOGIA	Sexualidade, educação, orientação e diversidade sexual no ensino de biologia	Santos, Machado	UFMS
4	PROPAGANDA E EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM DIFERENCIADA SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS PARA ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE TURISMO DO CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA (CEFET) RIO DE JANEIRO	Propaganda e educação sexual	Silva, Mendes, Lemos, Paula, Oliveira	(CEFET-RJ) (Fiocruz, IFSC) (Fiocruz-RJ)
5	UMA ABORDAGEM PREVENTIVA RELATIVA À GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E DST'S (DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS) EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ALTAMIRA-PA	Práticas pedagógicas sobre gravidez na adolescência	Fonteles, Ferreira, Ferreira	UFPA
6	A VULVA E SEUS SEGREDOS: DIÁLOGOS SOBRE A GENITÁLIA FEMININA EM AULAS DE CIÊNCIAS	Genitália feminina em aula de ciências	Soares, Gastal	INEP UnB
7	PESCA DE ESPERMATOZOIDE: UMA FERRRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA REPRODUÇÃO HUMANA	Pesca de espermatozoide, didática e Reprodução humana	Sousa, Viana, Cruz, Okada	UFOPA
8	SEXUALIDADE E PODER PASTORAL: MODOS DE FABRICAÇÃO DO “BOM CRISTÃO”!	sexualidade e poder pastoral;	Rodrigues, Chaves	SEDUC – PA UFPA
9	SENTIDOS DE SEXUALIDADE NOS ANAIS DOS ENCONTROS	Sentidos da sexualidade	Pinho, Bastos	PUC – Rio

	NACIONAIS DE ENSINO DE BIOLOGIA (2005-2016)			
10	CINEMA NA ESCOLA: ROTEIROS PARA DISCUTIR GÊNERO, SEXUALIDADE, ETNIA E MUITAS OUTRAS COISAS...	Cinema na escola e sexualidades	Sales, Bastos	UFPA
11	REPRODUÇÃO HUMANA E SEXUALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA: TRADIÇÕES CURRICULARES EM XEQUE	Reprodução humana e sexualidade em livros didáticos.	Machado, Selles	UFF

Fonte: elaborado pelo autor

No ano de 2018 foram registrados onze pesquisas com os respectivos assuntos: jogo didático e educação sexual; educação sexual e formação continuada; sexualidade, educação, orientação e diversidade sexual no ensino de biologia; propaganda e educação sexual; práticas pedagógicas sobre gravidez na adolescência; genitália feminina em aula de ciências; pesca de espermatozoide, didática e reprodução humana; sexualidade e poder pastoral; sentidos da sexualidade; cinema na escola e sexualidades; reprodução humana e sexualidade em livros didáticos.

Percebe-se, diferenças nos trabalhos apresentados na ANPED no período selecionado em comparação ao ENEBIO. Na seção seguinte serão discutidas considerações sobre os achados da pesquisa bibliográfica com recorte para os temas levantados e as outras questões apresentadas no estudo sobre fatos cotidianos e legislações que se voltam para educação sexual junto aos seus desdobramentos.

Resultados e Discussão

Nos oitenta e três artigos analisados da ANPED e do ENEBIO houve maior produção acadêmica voltada para diversidade sexual: vinte e nove estudos; seguidos do tema gênero: dezenove trabalhos; sexualidade: dezoito e por fim, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos: dezessete. Apesar disso, nos eventos científicos não houve nenhum trabalho com o tema do aborto e questões sobre abuso sexual. A questão recorrente na ANPED apareceu principalmente com estudos sobre diversidade sexual com ênfase à transexualidade.

No ENEBIO, o tema com maior relevância se voltou para diversidade sexual com ênfase ao tema das sexualidades e suas diversas aplicações. Houve o registro de apenas três trabalhos que dialogavam com a proposta de uma educação sexual apenas biológica. Mesmo assim, se percebe de uma forma geral poucos trabalhos sobre o tema da educação sexual em ambos os eventos. Porém, quando aparecia se vinculava a sexualidade relacionada ao autocuidado, a uma educação sexual crítica e emancipatória acerca do assunto.

Existem diferenças entre os participantes em cada evento. Se por um lado, na ANPED, aparece um quantitativo majoritário de pesquisadores da pós-graduação, no ENEBIO, os participantes para além dos pesquisadores pós-graduandos e pós-graduados, se nota, a presença de discentes de graduação. Essa experiência dos discentes no ENEBIO retrata um investimento na formação inicial de professores sobre o tema da educação sexual (FIGUEIRÓ, 2006). Isso pode representar uma mudança de paradigmas, uma vez que esses professores no futuro, desenvolvam a temática na escola ou em suas carreiras acadêmicas.

O ENEBIO tem apresentado histórico de pesquisas na área do ensino de Biologia que excedem uma perspectiva exclusivamente biológica. Aspectos sociais, históricos e culturais se constituem predominantes no tema da sexualidade e seus desdobramentos (PINHO, BASTOS, 2018).

Outro ponto que merece atenção consiste na diversidade de licenciaturas dos participantes da ANPED, professores com áreas distintas de formação, falando sobre educação sexual e suas reverberações. No ENEBIO, já era esperado, a participação massiva de pesquisadores com formação em Ciências Biológicas, visto que é uma característica do evento. Historicamente falando, o debate da educação sexual recai sobre os professores de Biologia, entretanto, no próprio ENEBIO se identificou um interesse reduzido pelo tema nos anos estudados.

Castro, Filho e Carmo (2016) analisaram os anais do Enebio no período de 2005 a 2014. De 1.816 trabalhos apresentados apenas 43 estudos abordavam o tema da educação sexual. O que será que leva professores de outras licenciaturas ou mesmo com formação em Biologia a se voltarem para o tema da educação sexual, principalmente, com considerações que ultrapassem reflexões exclusivamente biológicas?

Candau (2011) aponta o ciclo de vida dos professores e seu impacto na formação profissional de cada um. Lima (2020) considera em sua pesquisa os marcos na formação

docente que determinaram uma mudança de paradigma em sua constituição profissional.

Além da ausência de discussões sobre o aborto, não foi apontado nenhum trabalho acerca do abuso sexual. Um assunto que faz parte da educação sexual e tem na escola um lugar privilegiado para reflexões sobre o tema (PENNA, 2019).

Embora, o tema da educação sexual tenha aparecido em sua maioria em trabalhos voltados à disciplina Biologia, se faz presente na escola a necessidade de discussões para além dessa disciplina escolar. E dentro da própria Biologia, as práticas pedagógicas não deveriam estar apenas relacionadas à reprodução humana ou abordadas exclusivamente de forma pontual em determinado ano de ensino (ALTMANN, 2009). A educação sexual deve estar presente na escola de forma constante e de acordo com a necessidade dos estudantes em toda educação básica.

Apesar deste estudo apresentar limites e lacunas, considero importante a reflexão apresentada sobre a educação sexual na escola através de uma ótica desbiologizante. Braga (2011, p.5) apresenta em sua pesquisa de doutorado a prevalência na escola de uma sexualidade educada, onde os sujeitos “transgressores”:

agem a partir de uma padronização, pela assimilação de comportamentos e condutas apropriadas, domesticadas. A pedagogia escolar está voltada à produção de homens e mulheres que ratifiquem a normalidade dominante de acordo com o ideal de masculino e de feminino e funciona para dizer o que é certo, o que é bom, o que é normal - fundada na lógica binária classificatória e hierarquizante. Nessa lógica, o dispositivo da sexualidade impõe modelos dados de existência corporal (homem e mulher), apresentando apenas duas opções nas quais os sujeitos devem se conformar (masculino e feminino) e uma única sexualidade legítima (heterossexualidade).

Seu trabalho aponta a necessidade de escuta àqueles considerados “diferentes” na escola. Ela investiga as percepções de três mulheres transexuais sobre as práticas pedagógicas realizadas no ambiente escolar e como a sexualidade aparece em suas vivências escolares marcadas por discriminações, estigmas e estereótipos.

Torres (2013) fala sobre a relevância de professoras trans na escola como forma de legitimação da diversidade dos sujeitos neste lugar em enfrentamento a padronização das sexualidades e dos corpos no âmbito escolar. A Rede Trans Educ Brasil, coletivo de professoras e professores travestis e transexuais, apareceu em seu trabalho como mecanismo de validação e apoio a presença de professores trans na escola.

Nosso país ainda precisa avançar em muitas pautas de pesquisa sobre educação sexual. Entretanto, apesar do atual momento conservador-fundamentalista que vivemos no Brasil, ainda assim, as pesquisas e avanços sociais sobre a diversidade sexual, sexualidade e gênero continuam avançando. Em 2003, a professora Berenice Bento, mulher cisgênera, apresentava uma tese sobre corpo, gênero, sexualidade e experiência transexual. No ano de 2017, a professora Megg Oliveira, mulher travesti/transexual e negra defende sua tese com o tema: raça, homossexualidade e escola. E no mesmo ano, se efetiva como professora universitária da Universidade Federal do Paraná. Também vale destacar, que na última eleição municipal em 2020, houve a eleição de várias candidaturas trans pelo país. A vereadora paulista Erika Hilton, mulher negra e transexual, foi a candidata mais votada em todo Brasil nesse período e atualmente exerce o mandato de deputada federal. A própria escola tem contribuído para realização de trabalhos que dialogam com o tema da educação sexual, gênero e sexualidade em uma perspectiva além do conhecimento biológico (BASTOS, 2015). Entretanto, os autores Caetano, Junior e Goulart (2016) apontam que:

Ainda que estejamos em um momento histórico em que as identidades sexuais se configuram cada vez mais polimórficas e rizomáticas, os discursos sobre elas, todavia, permanecem mediados pela ciência hegemônica na qual a escola se baseia, como dimensão pedagógica e universalista de seus princípios, reconhecendo a autoridade do conhecimento a se configurar em seus currículos. (p. 133).

Em vista disso, se faz necessário o debate curricular na escola pela reconstrução de um currículo que ultrapasse um conhecimento eurocêntrico, branco, classista, judaico-cristão e heterossexual nas escolas. Onde, o alunado considerado dissidente dos corpos hegemônicos possa ultrapassar a condição de apagamento crônico em sua existência.

Castro (2012) sinaliza que o tema da diversidade sexual quando abordado na escola ainda emerge desconectado do currículo escolar. A prática pedagógica em si aparece voltada a homossexualidade como discussão principal e de forma pontual sem um caráter transversal.

A maioria dos trabalhos analisados nesta pesquisa na ANPED e no ENEBIO realizaram estudos direcionados a diversidade sexual com destaque ao público trans. Apesar da prevalência de estudos sobre o tema da transexualidade nas pesquisas levantadas neste trabalho, devemos nos perguntar, se de fato, isso se reverbera em

mudanças concretas ao público trans na sociedade (VERGUEIRO, 2016) e no próprio currículo escolar. Furlan e Maio (2016) defendem a relevância dos estudos acerca da transexualidade, pois:

A movência transgênero reflete o questionamento às normas, a maleabilidade da construção das identidades e a reflexão acerca dos binarismos, de modo que reconstrua outra perspectiva de sujeito, que não precise se classificar, que possa transitar entre as identidades que lhe proporcionam bem-estar e que seja aceito e respeitado em suas particularidades. (p. 166).

O conhecimento trans, seja acadêmico ou nas vivências do cotidiano, pode representar uma possibilidade de reflexão e mudanças aos modelos de identidade de gênero e sexualidade hegemônicos na atualidade (MARIN, 2021).

Para Pocahy (2016), a revolução na reconstrução das disciplinas científicas, assim como as escolares, pode acontecer a partir de uma conexão com a cultura do presente, visto que se configura como um movimento vivo de insubordinação ao cotidiano.

A disciplina escolar Biologia possui um histórico privilegiado de abordagens que aprofundam considerações sobre gênero e sexualidades em seu currículo na escola. Essas brechas se configuram em possibilidade de diálogo e escuta na sala de aula através de uma educação sexual crítica permeada pelo conhecimento biológico, social, histórico e cultural (LEITE, CASTRO, FERRARI, 2021).

Ryan (2001) realizou um trabalho de pesquisa sobre a parada americana tensionada pelas relações de gênero e classe no século XIX e início do século XX. Para às mulheres ocuparem um lugar de destaque no evento demorou aproximadamente mais de cinquenta anos. Porém, esse primeiro movimento, junto com outras conquistas acabou se desdobrando no sufrágio na década de 1930. Portanto, mesmo com os ventos reacionários em nosso país há micro-revoluções em andamento para um mundo melhor e possível para todos.

Desse modo, a educação sexual para além da disciplina escolar Biologia, ressurge na escola como uma demanda essencial do currículo escolar. Entretanto, não como um apêndice ou algo extra e pontual, porém de forma constante, potencial e integrada (transversal) à docência no cotidiano da escola (GOODSON, 2018).

Considerações finais

As leituras apresentadas neste estudo, a contextualização dos fatos cotidianos e a pesquisa bibliográfica me levam à defesa de uma educação sexual na escola desbiologizante enquanto possibilidade de diálogo, debate e de conhecimento crítico sobre o assunto. Neste caso, uma proposta pedagógica na escola de uma educação sexual que explore todos os aspectos desse tema: biológicos, sociais e culturais. A partir dos dados levantados na pesquisa, a educação sexual atravessada por esses critérios, se relaciona com sua implementação desde os anos iniciais de ensino na escola e com o envolvimento de todas as disciplinas. Embora, a escola tenha aparecido como um lugar potencial para essas discussões, ela também pode ser reprodutora de discursos discriminatórios, excludentes e limitados acerca de uma educação sexual plural e democrática para todos. Apesar dos avanços sociais dos últimos anos em relação a diversidade sexual, seja na sociedade ou na própria escola, ainda presenciamos casos de preconceito e violência nesses lugares. Portanto, o trabalho pela efetivação de uma educação sexual com considerações que excedam uma perspectiva biológica continua. A disciplina escolar Biologia se mostra como lugar privilegiado para essas discussões pela sua constituição histórica e social em discussões biomédicas. Essa realidade se reverbera na escola e na sociedade. Na escola, se percebe isso, inclusive na Base Nacional Comum Curricular, recentemente implementada. Embora, direcionada para reprodução humana e aspecto preventivo, mesmo assim, a Biologia se faz presente. Cabe a formação docente inicial e continuada desses professores, lhes permitirem reflexões que forneçam subsídios para uma prática pedagógica crítica na escola. Isto é, uma prática pedagógica dialógica que reconheça seus limites e poderes na construção de uma educação sexual que represente a diversidade dos sujeitos presentes na escola, seus anseios, desejos, emoções e necessidades. Logo, a educação sexual neste estudo se configura como uma prática crítica e democrática, pois permite espaço para vários referenciais, argumentos e diálogos sobre o tema. O debate pelo tema do aborto e do abuso sexual devem ser ampliados na escola, pois mesmo não aparecendo na pesquisa bibliográfica se constituem como temas presentes no cotidiano. A pauta LGBTQIA⁺ deve continuar sendo explorada no chão da escola e na sociedade. Inclusive, com considerações sobre gênero, classe, raça e território. O tema da reprodução humana deve ser aprimorado para a aprendizagem da sexualidade, desse jeito abrangendo os

diversos aspectos que a educação sexual pode permitir na formação e desenvolvimento de uma escola para todos.

Referências

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** *Rev. Estud. Fem. (online)*. vol.9, n. 2, p. 575-585. 2001

_____, **Verdades e pedagogia em uma educação sexual em uma escola.** *Tese de Doutorado* – Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, p. 226, 2005.

_____, **Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 175-200, jan./abr. 2009.

BASTOS, F. **“A diretora sabe que você está trabalhando isso na sala de aula?”** Diversidade sexual e ensino de ciências. Rio de Janeiro, 2015. 180p. *Dissertação de Mestrado* – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BENTO, Berenice. **Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência.** P. 43 – 68. **Dissidências sexuais e de gênero /** Leandro Colling, organização. – Salvador: EDUFBA, p. 240, 2016.

BIROLI, F.; MACHADO, M. D. C.; VAGGIONE, J. M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia.** São Paulo: Boitempo, p. 224, 2020.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2004

BRAGA, D. S. **A experiência transexual: estigma, estereótipo e desqualificação social nos intramuros da escola** – ANPED – p. 1-15, 2011.

BRANDÃO, E. **Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil.** *Cad. Saúde Pública* 22 (7), p. 1.421 – 1.430, 2006.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [Constituição da República Federativa do Brasil 1988 | Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Presidência da República \(jusbrasil.com.br\)](#). Acesso em 20 de julho de 2021.

BRASIL, **Lei no 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente.** 1990. Disponível em: [Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90 | Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Presidência da República \(jusbrasil.com.br\)](#). Acesso em 25 de julho de 2021.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.** Disponível em: [L9394 \(planalto.gov.br\)](#). Acesso em 27 de julho de 2021.

BRASIL, **Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015**. Poder Executivo, Brasília – DF, 12 de mar. 2015. Disponível

em: [resolucao_cndc_lgbt_n12_2015_parecer_ref_identidade_de_genero_na_educacao.pdf](https://www.mppr.mp.br/portal/verba/resolucao_cndc_lgbt_n12_2015_parecer_ref_identidade_de_genero_na_educacao.pdf) (mppr.mp.br). Acesso em 15 de julho de 2021.

BRASIL, **Decreto 8.727. Disposição sobre NOME SOCIAL E O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DE PESSOAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO ÂMBITO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL DIRETA, AUTÁRQUICA E FUNDACIONAL**, 2016. Disponível em: [Decreto nº 8727 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2016/08/2016008727.htm). Acesso em 28 de julho de 2021.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf \(mec.gov.br\)](https://www.mec.gov.br/bncc/bncc-ei-ef-110518-versaofinal-site.pdf). Acesso em 20 de janeiro de 2020.

_____, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**, 2000. Disponível em: [Introdução \(mec.gov.br\)](https://www.mec.gov.br/parâmetros-curriculares-nacionais). Acesso em 5 de fevereiro de 2021.

BRASIL, **Lei 13. 798. Semana de Prevenção a Gravidez na Adolescência**. 2019. Disponível em: [L13798 \(planalto.gov.br\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2019/13798.htm). Acesso em 15 de março de 2020.

CAETANO, M., JUNIOR, P. M. S., GOULART, T. E. S. “**Eu me sentia assim, meio que excluído**”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. P. 127 – 156. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** / Suely Messeder, Mary Garcia Castro, Laura Moutinho, organização. – Salvador: EDUFBA, p. 321, 2016.

CANDAU, V. (Org.) **Magistério: construção cotidiana** / Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTRO, A. S. B. **Sexualidade, gênero e diversidade: currículo e prática pedagógica**. -ANPED. p. 1 -20, 2012.

CASTRO, M., FILHO, A., CARMO, E. **A abordagem do tema sexualidade nos encontros nacionais de ensino de biologia entre os anos 2005 e 2014**. *Revista da SBEnBio* - Número 9 – 2016.

CERQUEIRA, D., COELHO, D., FERREIRA, H. **Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014**. *Rev. bras. segur. pública* | São Paulo v. 11, n. 1, 24-48, Fev/Mar 2017.

CÉSAR, M. **Lugar de sexo é na escola. Sexo, sexualidade e educação sexual? In: Sexualidade**; Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade sexual. Curitiba: SEED. P.49-58, 2009.

FERREIRA, M. S. **Currículo e docência no Colégio Pedro II: analisando as influências institucionais na definição dos rumos da disciplina escolar Ciências**. p. 161 -184. In: **História do Currículo e História da Educação – Interfaces e Diálogos** / Márcia Ferreira, Libania Xavier e Fábio Garcez de Carvalho, organizadores. – Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas: Mercado de Letras; Londrina: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual retomando uma proposta, um desafio.** Londrina: Eduel. 2010, 260p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Coletivo Sabotagem. 1970.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988

FURLAN, C. C., MAIO, E. R. **Pedagogias do corpo: é possível a escola ser um espaço de reconstrução?** p. 157 – 178. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** / Suely Messeder, Mary Garcia Castro, Laura Moutinho, organização. – Salvador: EDUFBA, p. 321, 2016.

GABRIEL, C. T., MORAES, L. M. S. **História das Disciplinas e “tempo histórico”: quais narrativas em circulação no campo educacional?** P. 29 – 60. In: **História do Currículo e História da Educação – Interfaces e Diálogos** / Márcia Ferreira, Libania Xavier e Fábio Garcez de Carvalho, organizadores. – Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

GOODSON, I. V. **Currículo: teoria e história** / Ivor F. Goodson; tradução de Atílio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. 15ª edição atualizada e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, p. 160, 2018.

HEILBORN, M. (Org.) **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.** Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

_____, (Org.) **Sexualidade, reprodução e saúde.** Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009.

Jesus, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero : conceitos e termos.** Brasília, 2012. 42p.

KINDEL, A. I. **A Docência em Ciências Naturais: Construindo um Currículo para o aluno.** Editora Edelbra, 2012.

LEITE, L. C., CASTRO, R. P. de., & FERRARI, A. (2021). **Gênero na BNCC de ciências da natureza: buscando brechas para outros currículos.** *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 14(1), 390-409. Recuperado de <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/491>

LIMA, S. **Trajетórias docentes e desenvolvimento da profissionalidade: a busca pelos marcos provocadores de mudanças.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.

LIMA; MIOTO. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** *Rev. Katál.* Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

LOURO, G. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9^a. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S.; AMORIM, A.C. **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. (ORGs). Niteroi: Eduff, 2005.

MARANDINO, M.; SELLES, S.E.; FERREIRA, M.S. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARÍN, Y. A. O. **Identidades de gênero no ensino de biologia: entre a violência objetificadora da cisnormatividade e os saberes trans-gressores em sala de aula**. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 14(1), 334-355.
<https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.458>, 2021.

MOREIRA, C. de C., & FERREIRA, M. S. **O tornar-se sujeito nos currículos de ciências e biologia: pensando outras genealogias com as identidades dissentes**. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 14(1), 370-389.
<https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.566>, 2021.

MOURA, T. **Ressignificando a gravidez na adolescência na escola: como as relações das alunas e dos alunos estão permeadas pelas relações de gênero**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 222, 2019.

MOURA, T., SILVA, M. **Protagonismo juvenil: a percepção de jovens sobre o tema das sexualidades na escola**. *Cadernos do Aplicação*. v: 34, n:1, p. 1 – 16, 2021.

OLIVEIRA, J. M. **Trânsitos de gênero: leituras queer / trans da potência do rizoma gênero**. p. 109 – 132. In: **Dissidências sexuais e de gênero** / Leandro Colling, organização. – Salvador: EDUFBA, p. 240, 2016.

OLIVEIRA, M. **Os estudos históricos sobre o currículo e as disciplinas escolares: das preocupações com as práticas escolares para o mundo da pesquisa acadêmica**. *Pensar a Educação em Revista*, Curitiba/Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 3-41, jan-mar/2017.

PENNA, F. **A defesa da “educação domiciliar” através do ataque à educação democrática a especificidade da escola como espaço de dissenso**. *Teresina*, Ano 24, n. 42, mai./ago. p. 8 – 28, 2019.

PINHO, R.; BASTOS, F. **Sentidos de sexualidade nos anais dos encontros nacionais de ensino de biologia (2005-2016)**. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*. p. 1 – 18, 2018.

POCAHY, F. **(Micro) políticas Queer**. p. 223 – 234. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** / Suely Messeder, Mary Garcia Castro, Laura Moutinho, organização. – Salvador: EDUFBA, p. 321, 2016.

RYAN, M. **A Parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX.** In: **A Nova História Cultural.** Lynn Hunt. São Paulo, 2001.

SANTOS, R. A. P. dos. (2021). **Gênero e sexualidade como componentes curriculares na formação inicial de professoras de ciências e biologia do Rio de Janeiro, RJ.** *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 14(1), 32-54.
<https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.550>

SFAIR, S.C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. **Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais.** *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, n.2, p.620-632, 2015

TORRES, M.A. **DOCÊNCIA, TRANSEXUALIDADES E TRAVESTILIDADES: A EMERGÊNCIA REDE TRANS EDUC BRASIL.** – ANPED, p. 1 – 15, 2013.

VERGUEIRO, V. **Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial.** p. 249 – 270. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero /** Suely Messeder, Mary Garcia Castro, Laura Moutinho, organização. – EDUFBA, p. 321, 2016.

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.